

CONHECER O MISTÉRIO

Site: <http://conheceromisterio.com>
 Email: editores@conheceromisterio.com

DEZEMBRO 2009 - NÚMERO 2



Editorial

No segundo boletim do "Conhecer o Mistério" começamos a partilhar um estudo sobre a Epístola aos Romanos. Assim, apresentaremos um resumo sucinto de cada capítulo desta epístola neste e nos próximos boletins. Continuaremos a partilhar artigos que esperamos que desafiem algumas das ideias tradicionais da cultura cristã.

Daniel C., Daniel F., David C. e Marcos R.



✕ Conhecer o Mistério ✕

"... A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou; para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos Céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor". Efésios 3:8-11

INTRODUÇÃO

A Epístola aos Romanos escrita por Paulo é uma das mais preciosas de suas epístolas. Consideramos importante que todo o salvo, pelo Sangue de Cristo, compreenda as verdades que Paulo apresenta nesta epístola. A doutrina e o ensino prático apresentados são imprescindíveis para este tempo em que vivemos, sob a Graça de Deus.

A plenitude e o alcance da obra da nossa salvação,

efectuada por Cristo na Cruz, são abordados no artigo "A Confissão de Pecados". No nosso meio existe a convicção da necessidade do crente, mesmo após ter sido salvo, chegar-se a Deus e pedir perdão pelos pecados que comete. Será este principio divino? Ou não passará de um ideia humana? Qual é a dimensão do perdão que Deus nos concede quando aceitamos a sua Salvação?

Índice

Para este segundo número seleccionámos os seguintes artigos, que esperamos ser de edificação para todos os leitores:

Introdução à Epístola aos Romanos - *Página 2*
 O Cristo do Natal - *Página 6*
 Epístola aos Romanos, Capítulo 1 - *Página 9*
 A Confissão de Pecados - *Página 14*

Introdução à Epístola aos Romanos

A Importância da Epístola aos Romanos

A Epístola de Paulo aos Romanos é uma das epístolas mais profundas, no entanto, um dos mais esclarecedores livros da Bíblia. Em nenhum outro lugar na Bíblia encontramos as grandes doutrinas da fé cristã descritas de forma tão completa ou sistemática.

A mais longa das cartas de Paulo, aos Romanos, trata basicamente acerca da natureza de Deus, o pecado do homem e a justificação do crente perante o tribunal de Deus, revelando a justiça de Deus (1:17) para com aqueles que merecem a Sua ira (1:18). Trata também da alienação do homem em relação a Deus, a reconciliação do crente com Deus, e depois aplica tais ensinamentos de uma forma prática.

Trata também de grandes temas teológicos tais como a eleição, predestinação, a santificação, a lei, a graça, a fé, a identificação do crente com Cristo e o programa de Deus para Israel e para as nações.

Estes são todos assuntos que nos afectam de forma vital, assuntos que devemos compreender, tanto quanto a mente renovada está capacitada para entender as coisas de Deus.

No Cânon da Escritura, a carta aos Romanos é a primeira entre as epístolas de Paulo, não porque tenha sido escrita antes, mas porque, apresenta os grandes e verdadeiros fundamentos do Evangelho da Graça, revelando a ira de Deus contra o pecado e a base na qual só Ele pode declarar o pecador justo.

A Epístola aos Romanos divide-se basicamente em três secções:

1. Ensino doutrinário, Capítulos 1-8,

2. Ensino dispensacional, Capítulos 9-11,

3. Ensino prático, Capítulos 12-16.

O Autor

Paulo, o escritor da epístola aos Romanos, era o homem com as habilitações ideais para escrever esta carta. Um homem de profunda perspicácia intelectual e de notáveis feitos, foi ao mesmo tempo, o chefe dos pecadores, salvo pela graça, o exemplo de tudo o que tinha sido realizado por meio da morte e ressurreição de Cristo. Além disso, no seu passado vivia o legalismo judaico, a cultura grega e a estatura romana que lhe assentavam tão bem para dar a conhecer a mensagem dada por Deus para toda a humanidade.

A confusão teológica na Igreja de hoje é basicamente o resultado da sua rebelião contra a autoridade de Paulo como o apóstolo divinamente nomeado para a actual "dispensação da graça de Deus".

Por alguns, Paulo é referido apenas como um dos apóstolos, por vezes até como um dos doze, embora o registo das Escrituras prove que ele não poderia ter as qualificações necessárias para ser um dos doze (Mateus 19:28, cf. Actos 9:1).

As Escrituras ensinam, sem sombra de dúvida, que o apostolado e mensagem de Paulo são absolutamente únicos e distintos em relação aos doze ou de qualquer outro que o precedeu. Isto é o que a cristandade em geral tem ignorado ou recusado aceitar, confundindo assim o programa do Reino de Deus, profetizado nas Escrituras, com o programa do "Mistério",

confiado a Paulo para nós, nesta presente dispensação.

As Escrituras enfatizam não só o uso repetido pelo Apóstolo do pronome de primeira pessoa, "eu", "me", "meu", mas também o carácter único do seu apostolado e mensagem. Ignore este facto e confusão é o resultado inevitável; aceite-o e centenas de aparentes contradições na Bíblia desaparecem.

Certamente ninguém, mesmo que superficialmente familiarizado com o livro dos Actos ou as epístolas de Paulo, vai questionar o facto de que algum tempo depois da comissão de nosso Senhor aos onze e da sua ascensão ao céu, Paulo foi enviado, como apóstolo de Cristo, para proclamar a toda a humanidade "o evangelho da graça de Deus" (Actos 20:24).

O Apóstolo inicia e conclui sua Epístola aos Romanos com a afirmação de que sua mensagem é para "todas as nações" (Romanos 1:5; 16:26). Considerando que os doze não conseguiram superar sua própria nação no cumprimento da sua comissão de proclamar Cristo como Rei, temos o registo das grandes viagens apostólicas de Paulo entre os gentios. E é escrito por Paulo durante sua estadia em Éfeso "todos os que habitavam na Ásia [a província da Ásia Menor] ouviram a palavra do Senhor Jesus" (Actos 19:10). Aos romanos ele escreve "desde Jerusalém e arredores, até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Cristo" (Romanos 15:19), e menciona os seus planos para ir a Espanha (15:24), planos estes que podem bem ter sido realizados entre os seus aprisionamentos em Roma. Mesmo acerca dos seus colaboradores foi dito: "Estes que tem alvoroçado o mundo, chegaram também aqui" (Actos 17:6).

Tudo isto lança luz sobre a Epístola aos Romanos e o propósito do apóstolo ao escrevê-la. Com a nova dispensação a ser anunciada, era necessário

um tratado completo sobre a natureza de Deus, a queda do homem e o grande plano de Deus para a justificação dos pecadores.

A Igreja em Roma

Podem muito bem ter sido várias igrejas locais, em Roma, como aquela referida em 16:3-5, mas o Apóstolo dirige sua epístola a "todos" os crentes ali, isto é, a toda, a assim chamada, assembleia (1:7).

A actual "Igreja de Roma", a Igreja Católica, atribui a fundação da igreja primitiva ao ministério de Pedro, mas não há a menor evidência nas Escrituras que confirme isso, pelo que nem sequer vamos entrar em detalhes, especialmente visto que as Escrituras afirmam claramente em Gálatas 2:9 que Pedro e os líderes da Judeia acordaram pública e solenemente que iriam desde então limitar o seu ministério a Israel, reconhecendo Paulo como apóstolo designado por Deus para os gentios. Há também alguns que argumentam que Paulo ainda não tinha estado em Roma, na altura em que escreveu a sua epístola, e que portanto deve ser que os crentes da Igreja de Jerusalém tinham chegado até Roma, sob a sua "grande comissão".

Nós não aceitamos isso como válido pelas seguintes razões:

1. Embora de facto estivessem alguns "forasteiros romanos" presentes em Pentecostes, não há nenhuma evidência de que houve um número significativo destes, ou mesmo de que os presentes se haviam convertido, muito menos de que eles haviam começado uma igreja em Roma. Por outro lado, podemos ler que mais tarde, na grande perseguição em Jerusalém, "todos eles foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria, excepto os apóstolos" (Actos 8:1).

Então, em relação a essas mesmas pessoas, lê-se ainda mais tarde:

“E os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estêvão caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. E havia entre eles alguns varões chíprios e cirenenses, os quais; entrando em Antioquia, falaram aos gregos, anunciando o Senhor Jesus.” (Actos 11:19, 20)

Quando a Igreja em Jerusalém ouviu acerca disto, enviaram Barnabé para averiguar o que se passava lá e ele foi a Tarso para buscar Saulo, e sob Saulo a igreja de Antioquia tornou-se a base de operações para a evangelização dos gentios, com o "evangelho da graça de Deus" (Actos 11:25,26; 14:26,27).

2. Foi de Antioquia que Paulo, por revelação, foi a Jerusalém para comunicar aos líderes ali "o [tal] evangelho", que ele tinha pregado entre os gentios (Gálatas 2:2). Desse encontro resultou que eles, os líderes, pela voz de "Tiago, Cefas [Pedro] e João, "prometeram limitar o seu ministério somente a Israel, reconhecendo Paulo como o apóstolo dos gentios.

Mesmo naquele “concílio” da Circuncisão, “apóstolos e anciãos” escreveram sobre os que tinham saído de lá para impor a sua mensagem e programa aos gentios:

“Porquanto ouvimos que alguns que saíram de entre nós vos perturbaram com palavras, e transtornaram as vossas almas, não lhes tendo nós dado mandamento” (Actos 15:24).

Como, então, pode a grande Igreja em Roma ter sido estabelecida por crentes convertidos do reino em Jerusalém? Sem dúvida, os crentes de Roma tinham sido ganhos para Cristo através daqueles

a quem Paulo havia enviado com o "Evangelho da graça de Deus".

3. Se os crentes em Roma foram convertidos pelos crentes do reino que haviam regressado a Roma de Jerusalém depois de Pentecostes, como é que nós não encontramos sequer um caso similar em qualquer outra cidade gentia? Será que os convertidos no Pentecostes seguiram todos juntos para Roma e fundaram ali a igreja, ou igrejas, mas não seguiram para Corinto, Éfeso, Tessalónica ou outras? Nestas cidades o apóstolo Paulo foi primeiro às sinagogas judaicas, e quando ele pregou ali o Evangelho era, evidentemente, novidade para seus ouvintes.

Pode parecer, à primeira vista, em Actos 18:24-28 que o caso de Apolo argumenta contra o dito anteriormente, mas não é assim. Apolo, um judeu de Alexandria, conhecia "somente o baptismo de João" (verso 25), que havia anunciado que Cristo estava para vir (19:4), e Apolo tinha só "começado" a falar ousadamente na sinagoga quando Áquila e Priscila o encontraram (18:26). É evidente, portanto, que ele não tinha estabelecido qualquer igreja cristã em Éfeso.

4. Três dias depois de Paulo ter chegado a Roma, ele “convocou os principais dos judeus” ali. Esta fraseologia já demonstra um considerável prestígio por parte de Paulo. Esses homens em seguida pediram a Paulo para explicar a doutrina que ele pregava, “porque,” eles disseram, “quanto a esta seita, notório nos é que em toda a parte se fala contra ela.” (Actos 28:22).

Porquê este interesse em Paulo e sua mensagem, se a igreja, ou igrejas, em Roma tinham sido fundadas por alguns dos seus, que haviam regressado a Roma, de Jerusalém?

A frase “em toda parte [esta seita] se fala contra”, recorda-nos a acusação feita contra Paulo pelos judeus, quando ele estava diante de Félix (Actos 24:5). Nessa altura não eram Pedro e seus companheiros que estavam por toda parte a sofrer oposição e perseguição, mas sim Paulo. Mesmo uma leitura ligeira dos Actos deixa isso bem claro. Em Actos 8:1 encontramos os crentes messiânicos sendo dispersos de Jerusalém, mas em Actos 15 a maioria deles, evidentemente, já tinha regressado, e por esse tempo a igreja era tão forte que os seguidores do Messias podiam organizar os seus próprios “Concílios” em Jerusalém, sem grande oposição. Assim, mais algum tempo e chegamos a Actos 28, e já não é a mensagem dos doze, mas a mensagem de Paulo, que está reunindo oposição por todo o lado.

Não negamos que alguns judeus que haviam regressado a Jerusalém podem ter dito a seus irmãos de Roma o que tinha acontecido lá, e como o Rei crucificado estava, de facto, vivo, mas por esta altura até Pedro tinha aprendido muito da mensagem de Paulo e tinha aprovado (Gálatas 2:1-9; Cf. Actos 15:11), de modo que agora Paulo era a figura dominante no mundo religioso.

5. Embora houvesse, é claro, alguns irmãos judeus na Igreja de Roma, esta era composta predominantemente por gentios na carne. Em Romanos 1:13 o Apóstolo diz quantas vezes ele tinha proposto ir a Roma, que ele poderia ter frutos entre eles, “mesmo entre os demais gentios”, e em 11:13, temos esta afirmação:

“Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério.”

6. A atitude dos crentes de Roma em relação a Paulo testemunha a favor do argumento de que

ele, através de seus emissários, havia fundado a igreja ali. Aqui podemos citar o famoso teólogo francês, Godet, na sua Introdução à Epístola aos Romanos.

“O facto mais significativo está descrito na primeira parte de Actos 28. Ao ouvirem acerca da chegada de Paulo, os irmãos que residem em Roma apressam-se em encontrá-lo e recebê-lo com um afecto que aumenta a sua coragem. Isto não prova que já foi amado e respeitado como seu pai espiritual, e que, conseqüentemente, seu cristianismo passou directa ou indirectamente, das igrejas fundadas por Paulo na Grécia e na Ásia, em vez da igreja judaico-cristã de Jerusalém? ”

7. A descrição acima é ainda mais enfatizada pelo facto de que Romanos 16 indica claramente que ele já tinha muitos queridos amigos pessoais em Roma. Neste capítulo ele menciona mais de vinte e cinco destes, além de algumas famílias! Alguns destes vieram a conhecer a Cristo através do seu ministério e depois viajaram para Roma.

Momento de Escrita

A grande oferta das igrejas dos gentios "aos pobres de entre os santos que estão em Jerusalém" já tinha sido concluída e Paulo estava a caminho com outros para entregá-la aos líderes. Isto é evidente em Romanos 15:25,26:

“Mas agora vou a Jerusalém para ministrar aos santos. Porque pareceu bem à Macedónia e à Acaia fazerem uma colecta para os pobres de entre os santos que estão em Jerusalém.”

Nós sabemos que nesta viagem ele passaria por Corinto (I aos Coríntios 16:3-5) e terá sido ali que ele escreveu a Epístola aos Romanos. O envio de saudações do Apóstolo aos crentes em Roma por parte de crentes de Corinto parece corroborar esta informação.

Por exemplo, em Romanos 16:23 ele envia saudações de Gaio, seu anfitrião, e I aos Coríntios 1:14 indica que Gaio era de Corinto. Em seguida, no mesmo versículo, ele também envia saudações de Erasto, o procurador da cidade, e II Timóteo 4:20, posteriormente, indica que Erasto tinha estado em Corinto.

É claro que a epístola foi entregue pessoalmente aos cristãos de Roma por Febe, uma mulher de Corinto, que tinha negócios em Roma (Romanos 16:1-2). Assim Deus, em Sua graça, confiou o mais valioso de todos os manuscritos sagrados na mão frágil de uma mulher; protegida, é claro, pela Sua Poderosa mão.

(por Cornelius Stam)

O Cristo do Natal

O Príncipe da Paz - O Rei da Glória

Ao lermos o nono capítulo de Isaías, compreendemos que o Cristo do Natal, ao qual é chamado ali de "Maravilhoso" e "Deus Poderoso", ainda está para ser o "Príncipe da Paz" no seu trono terreno. No Salmo 24, Cristo é chamado "o Rei da Glória".

De acordo com o apóstolo Pedro, quando os governantes deste mundo crucificaram Cristo, eles mataram "o Príncipe da Vida" (Actos 3:14 e 15). O apóstolo Paulo refere que os governantes deste mundo crucificaram "O Senhor da Glória" (I Coríntios 2:8).

Posteriormente o apóstolo Paulo escreve acerca da vinda de Cristo usando a mesma linguagem, em I Timóteo 6:14-16, "à aparição do nosso Senhor Jesus Cristo, a qual, a seu tempo, mostrará o bem-aventurado e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores."

Entretanto encontramos esta maravilhosa mensagem para a raça humana, não só para o dia de Natal, mas para todos os dias, todas as horas e todos os momentos de todos os anos: "Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo." (Romanos 5:1)

Apesar de podermos estar a gozar de prosperidade material, de saúde, e termos os nossos familiares e amigos chegados à nossa volta, durante esta época festiva, não é possível gozarmos de verdadeira e genuína alegria, se não tivermos Cristo em nós, esperança de glória, e se não compreendermos que Deus, por intermédio de Cristo, perdoou todos os nossos pecados. Esta é a mensagem que encontramos em:

"Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória." (Colossences 1:27)

"Antes sede uns para com os outros, benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também, Deus vos perdoou em Cristo." (Efésios 4:32)

"Para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si, no Amado; Em quem temos a redenção pelo seu sangue, e remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça." (Efésios 1:6-7)

Gabriel e a virgem Maria

Quando o anjo Gabriel anunciou à virgem Maria que ela iria conceber e dar à luz um Filho, e o

chamaria de Jesus, ele disse também: "Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai; e reinará eternamente na casa de Jacob, e o seu reino não terá fim." (Lucas 1:26-33).

E então o menino, Jesus, concebido pelo Espírito Santo, nasceu à virgem Maria na cidade de Belém (Lucas 2:1-7). Tal aconteceu em cumprimento do que estava profetizado em Isaías 7:14 ("Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel") e em Miquéas 5:2 ("E tu, Beth-leém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade"). E então seguiu-se a mensagem do Senhor, "Paz na Terra... Boa vontade para com os homens" (Lucas 2:14).

Os seus não o receberam

No Evangelho de João, capítulo 1 e versículo 11, lemos que Cristo veio para os que eram seus, e os seus não o receberam. Os seus concidadãos o odiaram e lhe enviaram uma mensagem dizendo "Não queremos que este reine sobre nós" (Lucas 19:14). Então o Rei e Messias rejeitado de Israel chorou sobre a sua nação e a cidade dos seus concidadãos, dizendo, "Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos". Então o Senhor explicou que o Julgamento viria em vez de Paz, "pois que não conheceste o tempo da tua visita" (Lucas 19:41-44).

Cristo fez a Paz pelo Sangue da Sua Cruz

O Senhor Jesus, rejeitado pela Sua nação, não foi para o trono de David para estabelecer a paz

universal na terra, mas foi antes para a Cruz do Calvário. Assim sendo, a "Paz na Terra" não aconteceu nessa altura, mas foi adiada.

Mas em Colossenses 1:20 lemos acerca de Cristo na Cruz do Calvário, "havendo por ele feito a paz, pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus". Será a paz referida neste versículo a mesma que os anjos proclamaram no nascimento de Jesus?

Um dos maiores inimigos de Cristo (o apóstolo Paulo) tornou-se o mais fiel e frutífero servo de Cristo. Paulo disse "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo." (Romanos 5:1).

Mais tarde Paulo escreveu: "Não estejais inquietos por coisa alguma, antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas, diante de Deus, pela oração e súplicas, com acção de graças; E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos, em Cristo Jesus." (Filipenses 4:6-7). "Ora o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz, em crença, para que abundeis em esperança, pela virtude do Espírito Santo." (Romanos 15:13).

Sendo assim, a paz a que se refere Colossenses 1:20 é a paz que Deus estabelece com aqueles (indivíduos) que aceitam a obra do Senhor Jesus Cristo na Cruz como remissão dos seus pecados. Esta é uma paz "individual". A outra, de Lucas 2:14, é uma paz "universal", para toda a terra, todas as nações.

Quando é que a Paz na Terra será estabelecida?

Em Efésios 2:14 a 15 lemos que, porque o Senhor Jesus Cristo fez a paz na cruz, por essa cruz do Senhor da Glória, Deus está a criar "Um Novo Homem", composto de gentios crentes e judeus crentes, reconciliando assim os crentes de todas as nações num "Só Corpo" pela cruz.

Mas Deus não abandonou o seu programa de "Paz na Terra". Ele adiou o programa do Seu "Reino" até "O Novo Homem" estar completo. Mais tarde, de acordo com Isaías 62:1-4, Deus estabelecerá um Novo Israel e uma Nova Jerusalém.

Em Salmos 24:7-10 lemos que "entrará o Rei da Glória". E então Israel será salvo (Romanos 11:26 e Lucas 21:27-33). Acerca de Israel nesta altura lemos, "e olharão para mim, a quem trespassaram" (Zacarias 12:10). "Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o trespassaram." (Apocalipse 1:7).

"Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o

Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do incremento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de David e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto." (Isaías 9:6-7).

A questão de Pôncio Pilatos

"Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?" (Mateus 27:22). Será a nossa esperança somente que Cristo estabeleça a "Paz na Terra", um dia no futuro? Não! Cristo foi entregue pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação (Romanos 4:25). Cristo morreu para nos livrar da ira futura (I Tessalonicenses 1:9-10). Ele é o Salvador do mundo (I João 4:14). É Ele também o teu Salvador?

(por J. C. O'Hair)

Glória, Glória

Do esplendor do Seu tão glorioso lar,
Cristo veio desejoso nos salvar;
Ele mesmo sobre a cruz a Sua vida deu
E remiu Seu povo quando ali morreu.

Glória, glória seja dada a Cristo!
Tanto a ti como a mim, Ele quer salvar.
Glória, glória seja dada a Cristo!
Sua salvação podemos já gozar.

(por Stuart Edmund McNair, em "Hinos e Cânticos", 25ª edição, nº 681)

Epístola aos Romanos - Capítulo 1

A Epístola aos Romanos começa com uma apresentação de seu autor e qual a sua mensagem. Paulo apresenta-se como um servo, ou escravo, de Jesus Cristo, tendo sido chamado para apóstolo, para comunicar as boas novas, o evangelho de Deus.

Ao lermos a palavra "apóstolo", podemos pensar que Paulo tinha sido chamado para ser um dos 12 apóstolos. Mas lembremo-nos que Matias tinha sido divinamente escolhido para substituir Judas, para fazer parte do grupo dos 12 apóstolos. Na verdade Paulo não preenchia os requisitos para ser um dos 12 apóstolos, pois lemos em Actos 1:21-22, quando os 11 apóstolos procuravam um substituto para Judas os requisitos eram:

"É necessário pois, que, dos varões que conviveram connosco, todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu entre nós, começando desde o baptismo de João, até ao dia em que de entre nós foi recebido em cima, um deles se faça connosco testemunha da sua ressurreição."

Paulo claramente não seguiu Cristo, durante o seu ministério terreno. Pelo contrário! Após o Pentecostes, Paulo era o maior inimigo de Cristo na terra.

Sendo assim, Paulo foi chamado para ser outro tipo de apóstolo, isto é, um apóstolo com uma mensagem nova de Deus, um evangelho diferente do evangelho que os 12 apóstolos anunciavam.

E que evangelho é este, que mensagem é esta? Lemos a partir do versículo 3:

"Acerca de Seu Filho, que nasceu da descendência de David, segundo a carne, declarado Filho de Deus, em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos - Jesus Cristo, nosso Senhor. Pelo qual (Cristo) recebemos a graça e o apostolado, para obediência de fé, entre todas as gentes pelo Seu nome. Entre as quais sois, também, vós chamados, para serdes de Jesus Cristo." (Romanos 1:3-6)

Paulo foi chamado a proclamar "acerca do Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor". Em todas as suas epístolas, o tema principal é "Cristo", e várias vezes Paulo claramente afirma que prega Cristo. Paulo não foi chamado por Deus para anunciar um novo conjunto de leis, um novo conjunto de princípios morais de como devemos viver, ou um conjunto de promessas de prosperidade material. Paulo foi chamado a anunciar Cristo.

Voltando um pouco atrás, no versículo 2, temos uma frase que pode gerar alguma controvérsia relativamente à singularidade do apostolado de Paulo e a "novidade" do seu evangelho:

"O qual antes havia prometido pelos Seus profetas, nas santas escrituras..."

Em relação ao princípio do versículo 2, no tocante à expressão "o qual", há duas *vertentes* em relação ao que se refere "o qual". Uma delas é a de que "o qual" se refere a Deus, tomando assim o versículo o sentido que de Deus "havia prometido... acerca de seu Filho". A segunda vertente é de que "o qual" se refere ao evangelho de Deus, que Paulo refere no versículo 1.

A expressão “o qual” na versão original em Grego é o artigo “*hos*”, que pode referir-se a “quem”, “o que”, “o qual”, “de quem”. Daí encontrarmos as duas vertentes mencionadas no parágrafo anterior.

Poderemos pensar, ao ler este versículo, que o evangelho que Paulo anunciava, afinal tinha sido profetizado no passado. Mas esta ideia entra em contradição com o que Paulo claramente afirma na conclusão desta Epístola aos Romanos:

"Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora." (Romanos 16:25).

Sendo assim, a vertente que parece estar mais perto da ideia original das palavras de Paulo é que Deus havia revelado pelas palavras dos profetas do Velho Testamento acerca do Messias. De facto nos versículos 3 e 4, o que lemos é um resumo do que estes profetas haviam escrito sobre o Cristo. Neste resumo não há nenhuma informação nova, pelo que não parece fazer sentido associá-lo ao (novo) evangelho de Paulo. Paulo aqui associa o Cristo da Profecia ao Cristo do Mistério, à semelhança do que ele fazia quando pregava Cristo nas sinagogas. Esta interpretação que fazemos não é para encaixar no que cremos, mas é a única que é coerente.

Existem algumas traduções da Bíblia (em outras línguas ou mesmo em Português) que transmitem a ideia de que “o qual” se refere ao evangelho. Isso acontece porque as pessoas que trabalharam nessas traduções seguiam a ideia dominante de que a mensagem de Paulo já vinha sendo profetizada desde Génesis 3:15. Tais traduções induzem as pessoas em erro.

A nossa versão em Português, de João Ferreira de Almeida (Revista e Corrigida), é feliz neste versículo em particular, não induzindo em erro, visto que não força uma interpretação, como acontece em outras.

A QUEM SE DESTINA ESTA EPÍSTOLA E QUAL A SUA MENSAGEM?

O versículo 7 é muito importante! Paulo escreve a todos os crentes que estão em Roma, que são amados de Deus, chamados santos. Todo o crente, todo o amado de Deus, salvo por Jesus Cristo, é chamado "santo", não por causa das suas boas obras, mas porque Deus o chama, o declara "santo", com base na obra da Cruz, efectuada por Cristo.

Na segunda parte do versículo encontramos não uma saudação "espiritual" de Paulo para os crentes de Roma, mas sim o âmago da mensagem que Deus tem para eles, e para todos nós hoje:

"Graça e Paz, de Deus, nosso Pai, e do nosso Senhor Jesus Cristo."

Paulo proclama que Deus oferece agora Graça e Paz a todo o homem. Deus oferece a Sua Graça, oferecendo ao homem salvação, pelo Senhor Jesus Cristo. E oferece Paz ao homem, não derramando a Sua ira sobre o mundo e todo o homem, que estava profetizado para acontecer após o Pentecostes, tal como lemos em Actos 2:16-20. Deus adia a sua "declaração de guerra" para com o homem, para proclamar Paz.

A FÉ DOS CRENTES EM ROMA E O DESEJO DE PAULO OS VISITAR

É de notar como os crentes em Roma eram fiéis e a sua fé em Cristo já era reconhecida pelo mundo fora, apesar de Paulo não ter visitado estes crentes até então. Daí Paulo ter um desejo muito forte de os visitar, e continuamente orar por eles e por uma oportunidade de os visitar.

Com que objectivo pretendia Paulo os visitar? Seria para "ter comunhão com eles", como costumamos dizer no nosso meio? Seria para "adorar e louvar a Deus" junto com eles? Não! Paulo queria lhes "comunicar algum dom espiritual, a fim de que seiais confortados" (v. 11).

Mas afinal o que são estes "dons espirituais"? Será algum "dom espiritual" de profecia, de cura, de línguas, ou de algo desse género, como era comum no Evangelho do Reino, anunciado pelos 12 apóstolos? Consideremos mais abaixo o versículo 15:

"E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar, o evangelho, a vós que estais em Roma."

O que Paulo queria comunicar era o Evangelho, nada mais que o Evangelho. É esse o dom espiritual que Paulo queria comunicar aos crentes em Roma. A motivação de Paulo era Poder anunciar e explicar o Evangelho que Deus tinha entregue ao apóstolo Paulo, para assim estes crentes poderem ser confortados. E assim Paulo ser consolado também, ao ver que estes crentes compreendiam e criam no mesmo evangelho.

E Paulo não se envergonha deste evangelho, não se envergonha de Cristo. Isto em claro contraste com a nação de Israel, que rejeitou Cristo enquanto nação, tendo Cristo lhe sido oferecido como Messias, como seu Rei. Mas agora, Paulo anuncia Cristo, "poder de Deus para salvação de todo aquele que crê". Não só para o Judeu, como primeiramente Cristo foi anunciado, "oferecido" à nação de Israel, mas também para o grego, para o gentio. Isto é, Cristo para Salvação de todo o homem.

Um das razões pelas quais Paulo não se envergonhava do evangelho de Cristo era porque nele se vê a Justiça de Deus, não só a sua Graça e Misericórdia, mas a sua Justiça perfeita (v. 17). Deus não baixou os seus padrões de Justiça com o evangelho da graça, ao oferecer Salvação pela Fé a todo o homem. Paulo claramente afirma mais à frente neste epístola:

"Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei." (Romanos 3:31)

A QUEDA DO HOMEM

Na segunda parte do capítulo 1, o Apóstolo Paulo apresenta uma análise da condição do homem perante Deus, e é surpreendente seguir a progressão, a queda do homem passo a passo.

O versículo 18 começa com uma introdução aos versículos que se seguem:

"Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça."

É de notar que este versículo não avisa acerca da ira que está para vir, mas sim acerca da ira que agora está a ser manifestada do céu. Mediante os versículos que vamos considerar de seguida, estou convicto que esta ira que se manifesta no presente, é a ira que Deus revela cada dia pelos frutos que a conduta do homem traz sobre si próprio. Consideremos os passos da degradação espiritual do homem, e compreenderemos melhor esta ideia.

Lemos no versículo 19 que "o que de Deus se pode conhecer, neles", nos homens, "se manifesta, porque Deus lho manifestou". Isto claramente não se refere a tudo o que se pode conhecer acerca de Deus, porque até lemos em I aos Coríntios 2:10-11:

"Mas Deus no-las revelou pelo Seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim, também, ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus."

O versículo 19 refere-se ao conhecimento que o homem naturalmente pode ter de Deus. Gravado na natureza humana, está o conhecimento, como por instinto, que Deus existe. E as "coisas invisíveis" de Deus, o Seu eterno poder e a sua divindade podem claramente ser compreendidos pelo homem, ao considerar o mundo e a natureza, isto é, as coisas que foram criadas por Deus. Tudo possui a marca de Deus.

Daí Paulo afirmar, no fim do versículo 20, que nenhum homem tem desculpa, é inescusável, pois a compreensão que Deus existe e acerca da sua divindade e poder, podem ser reconhecidos, ao alcance de qualquer homem, pela Criação.

Seguidamente encontramos no versículo 21 o primeiro passo histórico da descida à depravação do homem. Apesar de o homem conhecer Deus no passado, compreender que Deus existe, que é o criador e o todo-poderoso Deus, o homem escolheu não dar glória a Deus, não reconhecer a sua glória e poder, não reconhecer as suas obras e dádivas como sendo dignas de acções de graças. E na verdade o homem se corrompeu nos seus pensamentos ("em seus discursos"), e o seu coração insensato, por não reconhecer Deus, ainda mais se obscureceu.

Achando-se sábios, segundo o conhecimento, capacidade e sabedoria humanos, na verdade aos olhos de Deus, não passam de loucos, ignorantes, estúpidos e néscios.

Chegamos ao segundo passo histórico da queda do homem, que na verdade traduz-se numa série de quatro passos.

Na sua tentativa de adorar a Deus, segundo a sabedoria e ideias humanas, o homem mudou, corrompeu a glória de Deus, ser incorruptível, fazendo representações em ouro e prata de seres e coisas corruptíveis, que considerava serem Deus. Assim começou por imagens de homens, depois de aves, seguidamente de quadrúpedes até criar imagens de répteis, uma clara diminuta aberração do que Deus é no seu Ser.

Até Israel, o povo escolhido de Deus, que conhecia a Deus e tinha recebido a Sua lei, muitas vezes adorou outros deuses e imagens de deuses, sob a forma de homem e animais (como lemos em Êxodo 32).

Sendo assim, chegando o homem a este ponto, lemos no versículo 24 que Deus o "entregou", no versículo 26 que Deus o "abandonou", e mais uma vez no versículo 28, Deus o "entregou".

Perante a corrupção espiritual do homem, Deus deixa, abandona, entrega o homem aos desejos do seu coração e aos seus pensamentos corruptos. Assim como o homem corrompeu a glória de Deus, corrompeu assim também a sua própria "glória", as suas próprias funções naturais ("mudaram o uso natural"), "contrário à sua própria natureza" (v.26). Na verdade o homem trouxe sobre si próprio toda a perversão sexual, apesar de na aparência humana, parecer um ser intelectual, sábio e poderoso. Basta lembrarmos dos impérios Babilônio, Grego e Romano, cheios de poder, glória, arte, ciência, filosofia e conhecimento, e quão corruptos se tornaram na área sexual.

Tal como lemos no versículo 28, isto é consequência de o homem não querer nada com Deus. Mas não pensemos que a corrupção do homem é culpa de Deus, pois Deus o "entregou" e o "abandonou". Não é esse o sentido de tais expressões!

O homem longe de Deus só lhe espera a corrupção, ir de mal a pior moralmente falando, até ao ponto de desonrar tudo o que tem de precioso naturalmente. Deus concede ao homem o que o homem quer. Deus não força ninguém a adorá-lo, a reconhecê-lo como Deus. Deus na verdade é longânimo, e espera que o homem venha a "despertar", mas ele concede ao homem a sua vontade própria, mesmo que isso seja não querer nada com Deus. Mas as consequências são visíveis - a corrupção e degradação moral do homem.

E sem intervenção divina, em que se converte o homem? Que frutos traz ele sobre si próprio? De que forma se manifesta então a ira de Deus diariamente? Temos uma longa lista nos versículos 29 a 31:

"Estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; Sendo murmuradores, detractores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; Néscios, infieis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia."

E após lermos esta lista, vemos no versículo seguinte que o homem conhecendo em seu coração a justiça de Deus, que um dia o castigo cairá sobre si por cometer tais coisas, não só continua a praticá-las, como louva e incentiva (consente) os outros que as fazem também. Na verdade vemos isso claramente na nossa sociedade, quando muitas vezes o corrupto é adorado e louvado, o criminoso chamado de herói, o enganador é imitado e respeitado... e por aí adiante. Na verdade o homem no seu coração e alma encontra-se completamente corrompido.

(por David Costa e Daniel Ferreira)

A Confissão de Pecados

*(1 João 1:9 faz parte da vontade de Deus para a presente
Dispensação da Graça?)*

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça” (1 João 1:9).

A CULPA E PROVISÃO DE DEUS

A culpa pode ser arrasadora. Arrasadora da nossa alegria, da nossa paz, do nosso gozo de intimidade com Deus. É uma das armas mais eficazes de Satanás contra os filhos dos homens. Psiquiatras e médicos dizem-nos que a culpa não resolvida é a principal causa de doenças mentais e suicídios. Mais de metade dos hospitais estão ocupados por pessoas que sofrem de doenças do foro emocional. A culpa destrói relações, tanto entre pessoas, como entre pessoas e Deus. Não podemos perdoar livremente enquanto não tivermos recebido o perdão de Deus.

O nosso Pai gracioso e amoroso proporciona uma libertação total e completa do pecado e da culpa. Mas se acreditarmos numa mentira e formos incapazes de lidar com a culpa da maneira como Deus lidou com ela, caímos numa cilada, e ela torna-se na arma mais penosa e cruel usada contra nós.

A culpa é o sentimento moral de culpabilidade que cada um de nós sente quando sabemos que fizemos algo de errado. Não é necessariamente má, porque diz-nos que pecámos e que algo deve ser feito em relação a isso. Tal como os nossos corpos doem quando estão doentes ou se magoam, assim a nossa consciência dada por Deus deveria doer quando violamos o que sabemos que é correcto.

Para começar, devemos compreender que Deus não lidou com o problema da culpa sempre da mesma forma durante todo o tempo da história bíblica. É de extrema importância saber isto, porque muitos dos problemas relacionados com culpa são piorados por pessoas que tentam obedecer aos mandamentos de Deus dados noutras dispensações. Por exemplo, sob a Lei de Moisés, os filhos de Israel eram ordenados a “affligir as suas almas” enquanto o sumo sacerdote fazia expiação pelos seus pecados através do sacrifício de um animal (Levítico 16:29-31). O escritor de Hebreus fala sobre este Dia da Expição e da incapacidade da Lei em providenciar um perdão completo.

“Porque tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exacta das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam. Doutra maneira, teriam deixado de se oferecer, porque, purificados uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado. Nesses sacrifícios, porém, cada ano se faz comemoração dos pecados, Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados” (Hebreus 10:1-4).

Embora esta tenha sido uma misericordiosa provisão para o Israel de então, a Lei era inadequada para tornar a consciência dos adoradores perfeita em relação ao problema da culpa. O próprio facto

de que os sacrifícios tinham de ser repetidos era uma lembrança constante de que o perdão de Deus era dado aos bocados, isto é, às prestações. O perdão nunca era completo. Era de esperar que o povo de Deus lamentasse e afligisse as suas almas, o que é o oposto de uma consciência perfeita. De facto, longe de ser uma resposta satisfatória para a culpa, Paulo diz-nos de forma inequívoca por que razão a Lei foi dada:

“Ora, nós sabemos que tudo o que a Lei diz, aos que estão debaixo da Lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus” (Romanos 3:19).

Na Sua graça, Deus providenciou o sistema de sacrifícios da Lei para expiar (cobrir) os pecados do Seu povo até que o “precioso sangue de Cristo” pudesse ser derramado, de forma a comprar para nós a redenção eterna. Aqueles que viveram antes da Cruz eram salvos “a crédito”, por assim dizer, até que a plenitude dos tempos (pela obra redentora de Cristo na Cruz) chegasse para a completa remoção dos nossos pecados. Mesmo nas passagens do chamado Novo Testamento, o perdão era condicional e portanto incompleto (Mateus 6:12-15, 18:34-35, Marcos 11:25-26, Lucas 6:37). No tempo dos Evangelhos, a revelação do Mistério, através do Apóstolo Paulo pelo Cristo ascendido e glorificado, seria algo ainda a acontecer no futuro. E assim o ponto alto da revelação divina relativa ao completo perdão de pecados permaneceu ausente até esse tempo. Tudo isto é essencial para a compreensão do resto deste artigo.

AS VARIANTES DE INTERPRETAÇÃO DE I JOÃO 1:9

Com isto em mente, há uma passagem que tem causado enorme dano e detrimento para com o povo de Deus. Não porque o próprio versículo seja imperfeito, porque toda a Escritura é inspirada por Deus e proveitosa, mas porque os líderes religiosos o têm interpretado de forma miserável e aplicado o seu significado original de forma incorrecta. O que torna isto ainda mais trágico é que tal não tem origem entre os inimigos de Cristo, mas sim entre crentes sinceros, respeitáveis e que acreditam na Bíblia. O versículo é I João 1:9.

Para vermos este versículo no seu contexto, consideremos piedosamente esta passagem de I João 1.1-10.

- 1 O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida
- 2 (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada);
- 3 O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo.
- 4 Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra.
- 5 E esta é a mensagem que dele ouvimos, e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma.
- 6 Se dissermos que temos comunhão com Ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade.

7 Mas, se andarmos na luz, como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.

8 Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós.

9 Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça.

10 Se dissermos que não pecamos, fazêmo-lo mentiroso, e a Sua palavra não está em nós.

Estamos certos de que compreendemos o versículo 9 no seu contexto? Vejamos. Embora existam muitas variantes da interpretação deste versículo, há três que são mais populares:

1. É um versículo de salvação que diz ao pecador como receber hoje o perdão de pecados.
2. É um versículo de restauração:
 - a) Restaurar alguém para salvação;
 - b) Restaurar alguém para comunhão.
3. É um versículo pertencente aos judeus sob o programa do Reino (Profecia) e tem pouca ou nenhuma aplicação aos gentios de hoje sob o programa do Corpo de Cristo (Mistério).

Por uma questão de tempo e espaço, passemos à frente dos números 1 e 3 e analisar directamente o número 2. Os outros dois tornar-se-ão claros com a compreensão da passagem.

UM VERSÍCULO DE RESTAURAÇÃO - RESTAURAR ALGUÉM PARA SALVAÇÃO

A variante 2.a) é a mais fácil de responder. Esta é a visão de que uma pessoa salva pode perder-se novamente devido a uma recaída, a carnalidade, a falta de fé, etc..

Muitas vezes é dito que os pecados do crente foram perdoados até que este foi salvo. A partir daí, os méritos da morte de Cristo servem-lhe apenas se ele for fiel em confessar os seus pecados a Deus e assim permanecer limpo aos Seus olhos.

Em primeiro lugar, a regeneração ou novo nascimento é uma experiência única no tempo. Nenhuma passagem bíblica fala de nascer de novo várias vezes. Enquanto andei na universidade, assisti a três reuniões evangelísticas numa tenda com alguns amigos. Não pude deixar de reparar que cada noite as mesmas pessoas iam à frente depois da pregação para receber perdão. Uma noite o evangelista citou I João 1:9 e afirmou que ninguém com pecados por confessar entraria no Céu. Quando insisti com ele após a reunião para que me esclarecesse sobre isto, ele acabou por admitir que provavelmente João se referia a pecados mais graves. Isto sublinha outro problema com esta visão. Quantos pecados Deus permitiu que Adão e Eva cometessem antes que Ele os lançasse fora da Sua presença no Jardim do Éden? Apenas um. E tudo o que eles fizeram foi comer do fruto que Deus tinha proibido. Quantos pecados não perdoados serão necessários para que sejamos condenados à perdição eterna? Apenas um. Deus é santo e tão puro de olhos, que não pode ver o mal e a aberração

não pode contemplar. Se sermos perdoados depende da nossa confissão de pecados, é bom que não nos esqueçamos de um único pecado.

A segunda razão pela qual I João 1:9 não se pode referir a restauração para salvação é a de que a salvação é um dom gratuito. É dado pela graça de Deus não só para os indignos, mas para os que merecem exactamente o oposto, a condenação. Se Deus anulasse a Sua dádiva, isso torná-LO-ia mais gracioso para os Seus inimigos do que para os Seus filhos. Deus não retira a sua dádiva se nos tornarmos indignos. Na verdade, nós nunca fomos dignos.

Em terceiro lugar, Deus deseja que gozemos a dádiva da salvação. A salvação pertence ao Senhor. A única responsabilidade do homem é crer. Quererá Deus que vivamos as nossas vidas cristãs com uma nuvem sobre as nossas cabeças? Aqueles que crêem que ser perdoado depende da contínua confissão de pecados, cedo descobrirão que a sua experiência cristã se tornou em “dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e de densas trevas”.

As Escrituras dizem-nos que ao crermos que o Senhor Jesus morreu por nós e ressuscitou somos selados com o Espírito Santo até ao dia da redenção. Nada nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Efésios 1:13-14, Romanos 8:31-38). Com o Evangelho da Graça de Deus, temos o prazer de anunciar o perdão total de pecados. Isto traz paz, gozo e estabilidade. Disto falaremos mais adiante.

UM VERSÍCULO DE RESTAURAÇÃO - RESTAURAR ALGUÉM PARA COMUNHÃO

A variante 2.b) também fala de restauração, não para salvação ou mesmo para a manter, mas antes para comunhão. Aqueles que vêm desta forma tal versículo compreendem claramente o ensinamento da segurança eterna e da preservação dos santos. Só que agora o assunto é a intimidade com o nosso Pai celestial. A nossa relação é como o Rochedo de Gibraltar, firme e que não se pode mover. Por outro lado, a nossa comunhão (dizem-nos) é como um fino fio que mesmo o mais pequeno pecado em pensamento, palavra ou acto pode quebrar. Talvez a melhor ilustração desta visão é a da comunhão entre um pai e um filho. Se o filho pecar contra o seu pai, a intimidade anteriormente gozada por ambos é quebrada e o prazer de cada um da companhia do outro é colocado em risco. A relação de sangue entre pai e filho mantém-se intacta, mas a comunhão deve ser restaurada através de confissão do erro. Da mesma forma, os crentes têm uma relação de sangue com o nosso Pai celestial através do Seu Filho Jesus Cristo. Embora nada possa quebrar a nossa relação como filhos de Deus, a comunhão apenas pode ser restaurada reconhecendo o pecado e pedindo perdão, de preferência com o compromisso de não repetir a ofensa. Isto restabelece a doçura da comunhão e do prazer com o quais tanto o Pai como o filho podem relacionar-se um com o outro.

Crentes que procuram praticar isto falam frequentemente de “manter contas pequenas com Deus”, ou seja, procurar confessar pecados com regularidade de forma a que a nossa conta não se acumule com pecados por confessar. Salmos 32 e 51 e João 13:1-20 são muitas vezes citados para confirmar esta posição.

Esta visão de I João 1:9 tem mais motivos para ser elogiada do que a anterior. “A confissão faz bem à alma” é uma verdade evidente que se aplica a todas as eras e dispensações. De facto, Provérbios 28:13 diz: “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia.”.

(Nem vale a pena nos determos muito tempo com a tradição católica de confissão auricular, pois apenas I Timóteo 2:5 basta para mostrar o erro desta tradição: “Porque há... um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.”)

Como crente, em tempos esta visão parecia-me ser lógica, equilibrada e correcta. Eu conhecia muitos respeitáveis ensinadores da Bíblia que ensinavam isto. Contudo, ao longo dos anos, creio que o Espírito de Deus estava a “picar” a minha consciência para me mostrar coisas que revelavam as falhas desta abordagem. Entre elas estavam:

1. Baseia-se num sistema de desempenho com bênçãos condicionais, que desviam o meu olhar de Cristo e da Sua graça para a minha própria fidelidade (ou geralmente falha) em confessar.
2. Se aquilo em que eu acreditava em relação à confissão estava certo, provavelmente eu estava “fora de comunhão” a maior parte do tempo, bem como a maior parte dos crentes.
3. Há muitas coisas em I João 1 que são inconsistentes com esta visão.
4. Em relação à popular ilustração pai-filho, várias questões retóricas podem ser colocadas para mostrar a sua fragilidade. E se o filho não confessar o erro? Deverá o pai mostrar-se frio para com ele até que o faça? Que tipo de pai isso faria dele? Será isto uma figura apropriada de como o nosso amado Pai celestial lida hoje com os seus filhos debaixo da graça? Além disso, a expressão “fiel e justo” descreve mais convenientemente um juiz numa sala de tribunal do que um pai na sala da casa de família.
5. Tenho de admitir honestamente que considero extremamente difícil confessar os meus pecados diários numa base sistemática.
6. Esta visão de I João 1:9 tem necessariamente de ocupar um ponto importante no sistema de crenças. Sem confissão regular de pecados, a promessa de purificação contínua é considerada nula e sem validade, resultando em comunhão quebrada. E quem quer estar fora da comunhão com Deus?
7. Paulo, o apóstolo dos gentios, nada diz nos seus escritos sobre a confissão de pecados para perdão, para restituição da comunhão parental com Deus ou para outro fim.
8. As epístolas de Paulo garantem-nos total, completa e incondicional perdão para todos aqueles em Cristo Jesus.

Alguns exemplos devem bastar:

“Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça” (Efésios 1:7).

“Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo” (Efésios 4:32).

“E, quando vós estáveis mortos nos pecados, e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas” (Colossenses 2:13).

O perdão do crente é agora referido como uma transacção feita, já consumada. Não suplicamos por perdão diário mais do que devemos por redenção diária. Faz parte de “todas as bênçãos espirituais” com as quais já fomos abençoados (Efésios 1:3). Há outras passagens que falam da doutrina do perdão para a presente dispensação da Graça de Deus: Colossenses 1:14, 3:13, Romanos 4:5-8, Actos 13:38-39.

É bem evidente que temos de encontrar uma melhor explicação para I João 1:9. Um bom sítio para começar e compreender o contexto da passagem é o versículo 6.

“Se dissermos que temos comunhão com Ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade.”

A questão chave é esta: Aqueles que “andam em trevas” são crentes ou descrentes? A resposta que encontrarmos para esta questão é crucial para a interpretação desta passagem. Se estes são crentes carnis, desobedientes ou apóstatas que andam em trevas, mentem se dizem que têm comunhão com Deus. Confissão de pecados nas suas vidas e “andar na luz” restaurará a comunhão. No entanto, se puder ser provado pelas Escrituras que estes são descrentes que falsamente professam comunhão, a posição “fora de comunhão” cai por terra, porque ninguém poderá demonstrar com sucesso uma restauração a algo que nunca teve.

Para vermos a que realmente se refere, comparemos estas três passagens:

“Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade” (I João 1:6).

“Mas aquele que odeia a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos” (I João 2:11).

“Qualquer que odeia a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele” (I João 3:15).

Nota cuidadosamente na relação entre estes versículos e ao que eles ensinam.

1. Aquele que odeia a seu irmão “anda em trevas”. (A palavra irmão nesta passagem não indica que aquele que odeia é um irmão crente. Refere-se sim à relação racial da irmandade judaica descrita em Romanos 9:3. Embora eles fossem parentes na carne, é bem claro nos escritos de João que o judeu que crê em Jesus Cristo deve estar preparado para suportar a ira e o ódio dos seus irmãos israelitas descrentes.)
2. Qualquer que odeia a seu irmão é homicida.
3. Nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele.

Conclusão: Aquele que anda em trevas não tem a vida eterna permanecendo nele, ou seja, é descrente.

Quando compreendemos tal, a teoria da restauração à comunhão cai por terra como um castelo de cartas. Tiremos todas as dúvidas das nossas mentes. Um estudo harmonioso das Escrituras revela que a associação consistente e uniforme às trevas, quer seja na Palavra de Deus em geral ou nos escritos de João (neste caso em particular), é relativa ao perdido (João 1:5, 3:19-21, 8:12, 12:35-36,46, Actos 26:18, II Coríntios 4:4-6, 6:14, Efésios 5:8, Colossenses 1:13, I Tessalonicenses 5:4-5, I Pedro 2:9).

Poderá alguém argumentar: “E o homem de I Coríntios 5 que vivia em imoralidade? E os crentes de Gálatas de quem Paulo disse “depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho” (Gálatas 1:6)? E Pedro, quando teve de ser repreendido por Paulo pela sua hipocrisia entre os gentios (Gálatas 2:11-14)? Não pode ser dito que eles “andavam em trevas”? Claro que não! Certamente nos ajudará a compreender tal princípio, se repararmos que João não se refere a como eles andam mas onde eles andam. É a sua posição permanente em Cristo. Todos os descrentes têm a sua posição fora de Cristo e assim andam em trevas. Todos os crentes, tanto no programa do Reino como no corpo de Cristo, têm a sua posição nele e andam na luz. Um crente não pode andar nas trevas, tal como um descrente não pode andar na luz.

É por isso que o pecado na vida do crente é tão grave. Quando um crente peca, ele fá-lo “na luz”. Um dia um pregador falou sobre “Os pecados dos santos”. No fim do culto, uma mulher criticou-o, dizendo que os pecados dos crentes não são como os dos descrentes, ao que ele responde: “Sim, os dos crentes são muito piores”.

Ao compreendermos que "andar na luz" é exclusivo do crente, torna-se claro o versículo seguinte.

“Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (I João 1:7)

Tomemos atenção à natureza condicional desta promessa. A purificação pelo sangue depende de andarmos na luz. De facto, os versículos 6 a 10 contêm o condicional “se”. Trata-se de um teste da realidade espiritual. Durante muitos anos eu fazia uma grande confusão sobre isto. Eu lia esta passagem como se dissesse “se andarmos de acordo com a luz, o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado”. Eu pensava que queria dizer que se eu tivesse cuidado em obedecer aos mandamentos de Deus e andasse de acordo com a luz, Ele limpar-me-ia. O que na prática é outra maneira de dizer que ele me purificaria quando eu não precisava de purificação.

No entanto, quando o versículo é devidamente compreendido, percebemos que o mais vil pecador tem esta purificação quando vem para a luz de Deus pela fé em Jesus Cristo. O versículo não diz “se andarmos de acordo com a luz”, mas “se andarmos na luz”. Novamente, não é como andamos, mas sim onde andamos, que está em causa. É andar na presença de Deus como uma posição permanente.

No versículo 7 encontramos pela quarta vez a palavra “comunhão”. Como compreender esta passagem no contexto? Isto é importante, pois trata-se do assunto principal no capítulo. A palavra original grega traduzida por comunhão é “*koinonia*”, que tem o sentido de "ter em comum",

"partilha" e de "adoração em conjunto". Tal como a palavra bíblica "santificação", há tanto um aspecto de posição como um de prática.

Nas epístolas de Paulo, a comunhão é mencionada como:

- a) Contribuir para os crentes pobres (II Coríntios 8:4, Romanos 15:26-27).
- b) Contribuir para os servos do Senhor no ministério (Filipenses 1:5, 4:15-19, Gálatas 6:6).
- c) A comunicação das aflições de Cristo (Filipenses 3:10, II Coríntios 11:23-33).
- d) A Ceia do Senhor (I Coríntios 10:16).

Estes são exemplos de comunhão prática. Isto é, podemos recusar contribuir para os crentes pobres, negligenciar na contribuição para as necessidades dos servos do Senhor, evitar sofrer afronta e desprezo pelo Seu nome e Evangelho e escolher não participar no memorial da morte de Cristo por nós. No entanto, creio que as escrituras do Novo Testamento falam de uma comunhão posicional, permanente e pertencente a todo o crente em Cristo Jesus. Tal comunhão pertence a todos os verdadeiros crentes, independentemente do crescimento espiritual ou dedicação. Se há crentes na Bíblia que viveram num estado de quebra de comunhão, eram os Coríntios:

- a) Existiam dissensões carnis e contendas entre eles (I Coríntios 1:10-13, 3:1-3).
- b) Estavam seduzidos pela sabedoria do mundo (I Coríntios 1:18-2.5, 3:18-23).
- c) Estavam a julgar coisas que não deviam e falhavam em julgar as que deviam (I Coríntios 4:1-5; 5; 6).
- d) Permitiam imoralidade sexual na Igreja local e orgulhavam-se disso (I Coríntios 5:1-2).
- e) Levavam os irmãos a tribunais perante os descrentes (I Coríntios 6:1-12).
- f) Visitavam prostitutas (I Coríntios 6:13-20).
- g) Orgulhavam-se do seu conhecimento e causavam a queda de irmãos mais fracos (I Coríntios 8).
- h) Questionavam a autoridade e o apostolado de Paulo (I Coríntios 9:1-6).
- i) Inclínavam-se para a idolatria, cobiçando o que era mau (I Coríntios 10).
- j) Comportavam-se desordenadamente na Igreja, incluindo zombarem da Ceia do Senhor (I Coríntios 11).
- k) Estavam enamorados com os dons espirituais, mas não os exerciam em amor (I Coríntios 12-14).
- l) Duvidavam da ressurreição (I Coríntios 15:12-19).
- m) Como se não bastasse, eram avarentos na sua contribuição para os crentes pobres (II Coríntios 8 e 9).

Com todo este pecado na Igreja, poderíamos pensar que eles nem eram salvos. Mas Paulo, pelo Espírito de Deus, dirige-se a eles como "a Igreja de Deus" e "santificados em Cristo Jesus, chamados santos" (I Coríntios 1:2). Além disso, não encontramos qualquer mandamento para eles confessarem os seus pecados para receberem o perdão e restaurar a sua comunhão com Deus. Pelo contrário, Paulo garante-lhes que "fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de Seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor" (I Coríntios 1:9). É uma comunhão baseada na fidelidade de Deus.

Apesar de todos os pecados, falhas e defeitos da Igreja de Corinto, eles estavam “em Cristo” e como tal faziam parte “comunhão de Seu Filho”. O que tinham eles em comum com Jesus Cristo? Eles partilhavam da Sua vida, da Sua justiça, da Sua aceitação perante Deus Pai (II Coríntios 5:21, Efésios 1:6 e Colossenses 3:4). Tudo isto faz parte da dádiva da graça sem obras para todos os crentes em Cristo e que forma a comunhão que sustém a nossa posição nEle.

Em várias outras passagens das epístolas de Paulo, em relação a este assunto, não é dada a devida importância. Por exemplo, lemos em Efésios 3:12: “No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nEle.” A palavra grega para fé (“*pistos*”) muitas vezes tem o significado de fidelidade, lealdade ou fidedignidade como em Romanos 3:3,22, Gálatas 2:16, 3:22, 5:22, Filipenses 3:9, Colossenses 2:12, I Timóteo 4:12, 6:11, II Timóteo 2:22, Tito 2:10, sendo que é o próprio contexto que determina qual a palavra. Nesta passagem de Efésios, a expressão “nossa fé nEle” deveria ser “Sua fidelidade”, como noutras versões. O nosso acesso a Deus depende apenas de Jesus Cristo. Deus quer que tenhamos ousadia e confiança nisto. O sistema de “pequenas contas” (em comunhão, fora de comunhão) serve apenas para semear a dúvida e assim tirar a nossa ousadia e confiança. Não nos deveríamos alegrar no facto de que estas bênçãos dependem da fé (fidelidade) de Cristo e não da nossa fé? Outras passagens falam do acesso a Deus, como Efésios 2:18, Romanos 5:1-2 e Hebreus 10:19-20.

A comunhão de I João 1 deve ser considerada à luz disto. De acordo com o contexto, o que tinham estes crentes em comum com “o Pai, e com Seu Filho Jesus Cristo”? Vida eterna (versículos 1 e 2). Jesus Cristo como a Palavra da Vida é a personificação dessa vida.

Há um paralelismo verdadeiramente admirável entre os versículos 7 e 9. Vejamos:

Versículo 7:

Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está,
Temos comunhão uns com os outros,
E o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.

Versículo 9:

Se confessarmos os nossos pecados,
Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados,
E nos purificar de toda a injustiça.

Ambos os versículos apresentam a mesma verdade, mas de perspectivas diferente. Estes crentes judeus do Reino andavam na luz ao confessar os seus pecados em relação à salvação inicial. Ter comunhão com Deus baseava-se no facto de que Deus é fiel e justo para perdoar os seus pecados. E quantas vezes poderiam eles ser purificados de todo o pecado? Se a resposta for até que pecassem de novo, então não eram purificados de todo o pecado. Da mesma forma, eles apenas poderiam ser purificados de toda a injustiça uma única vez (versículo 9). Isto é confirmado mais tarde quando se dirige aos crentes e lhes garante que os seus pecados já estão perdoados.

“Filhinhos, escrevo-vos, porque pelo Seu nome vos são perdoados os pecados”. (I João 2:12)

A confissão de pecados estava intimamente relacionada com a religião de Israel. Confissão, bem como a sua equivalente grega (“*homologia*”), significa falar a mesma coisa, admitir, concordar, reconhecer. Moisés, escrevendo profeticamente, traçou o plano para a confissão sob a Lei.

“Então confessarão a sua iniquidade, e a iniquidade de seus pais, com as suas transgressões, com que transgrediram contra Mim; como também eles andaram contrariamente para comigo. Eu também andei para com eles contrariamente, e os fiz entrar na terra dos seus inimigos; se então o seu coração incircunciso se humilhar, e então tomarem por bem o castigo da sua iniquidade, também eu me lembrarei da Minha aliança com Jacob, e também da Minha aliança com Isaac, e também da Minha aliança com Abraão Me lembrarei, e da terra Me lembrarei. (Levítico 26:40-42; comparar com Neemias 9:1-3).

É exactamente aqui que Israel se encontrava quando João Baptista entra em cena. Embora ainda estivesse numa relação do Concerto com Deus, eles tinham-se tornado moral e espiritualmente corruptos. E assim João Baptista foi enviado como pregador da justiça para chamar a nação apóstata ao arrependimento. Isso fazia parte da preparação para receber o seu Messias, Jesus Cristo.

“E, naqueles dias, apareceu João Baptista pregando no deserto da Judeia, E dizendo: ‘Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus’... Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judeia, e toda a província adjacente ao Jordão; E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados” (Mateus 3:1-2; 3:5-6).

“Apareceu João batizando no deserto, e pregando o baptismo de arrependimento, para remissão dos pecados.” (Marcos 1:4).

Aqui está. Arrependimento, confissão de pecados e baptismo na água para a remissão (perdão) de pecados estavam juntos no evangelho do Reino anunciado a Israel (Mateus 4:23, 9:35). O nosso versículo chave de I João 1:9 é um versículo de salvação para o Israel que esperará o regresso de Cristo para estabelecer o seu reino milenial, davídico e terreno.

Poderá ser colocada a objecção que este versículo não pode referir-se a salvação, porque fé em Jesus Cristo não é mencionado. No entanto, outros versículos de salvação também não a mencionam. Alguns exemplos são Romanos 4:5-8, Gálatas 3:11, Efésios 2:8-9 e Tito 3:5. Quando isto acontece, todo o resto da epístola torna bastante claro (como em I João) que Jesus Cristo é o objecto da fé (I João 2:22-23, 3:23, 4:2,9-10, 4:14-15, 5:1,5,11-13).

A expressão “Se dissermos” repetida nos versículos 6, 8 e 10 refere-se à falsa profissão de comunhão, quando na verdade a pessoa em questão não possui a vida eterna. Estes eram judeus descrentes que tinham um problema espiritual duplo: acreditavam ser justos em si mesmo e rejeitavam o seu Messias. Eles justificavam-se a eles mesmos perante os homens. Eles confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros. Pensavam que, como eram descendentes de Abraão, Deus era seu Pai. Ignorando a justiça de Deus e estabelecendo a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus (Mateus 9:10-13, 21:31-32, Lucas 16:15, 18:9, João 8:39-44, Romanos 10:1-4).

Numa graciosa demonstração de amor piedoso, João abre a sua epístola com um apelo evangelístico aos seus irmãos judeus para abandonar a falsa comunhão das trevas e vir ao Salvador e

desfrutar da genuína comunhão da luz. Isto não aconteceria enquanto eles confiassem na sua genealogia, religião e méritos pessoais, e continuassem a rejeitar “a Luz do mundo”.

Como é possível um versículo, retirado de uma epístola que não de Paulo, ser deturpado em relação ao seu contexto e enquadramento dispensacional, ser torcido e transformado num sistema de bênçãos condicionais e depois ser usado pelo nosso Adversário para roubar o povo de Deus daquilo que faz a vida cristã valer a pena? A razão só pode ser tradição religiosa e o falhanço em “manejar [dividir] correctamente a Palavra da verdade” (Mateus 15:3,6,9, II Timóteo 2:15).

Muitas vezes agimos como ovelhas e gostamos de seguir líderes. Quando um magnífico pregador ensina algo, muitos de nos temos a tendência de seguir sem uma mente crítica. Embora Deus tenha dado ensinadores para a Igreja, cada crente é responsável perante Deus para estudar os assuntos por si mesmo e desenvolver convicções pessoais em relação a eles. De outro modo estaremos firmes na opinião de outros. O homem, mesmo no seu melhor, é homem e portanto falível. Que sempre possamos ter o espírito do crentes de Bereia e “examinar cada dia nas Escrituras se estas coisas são assim” (Actos 17:10,11).

ALGUMAS ILUSTRAÇÕES

A culpa pode ser arrasadora. Arrasadora da nossa alegria, da nossa paz, do nosso gozo de intimidade com Deus. Se Satanás puder usar a culpa (que Deus já levou de nós), como um grillão para restringir a nossa liberdade, para nos separar de Deus, é segura a sua estratégia de nos levar como cativos na batalha. Para ele não faz diferença se a culpa, separação e cativo são imaginários ou reais. Isto é muito bem descrito pelo escritor Hal Lindsey, num dos seus livros:

“Uma das táticas dos demónios que têm mais sucesso em neutralizar os seus inimigos (os crentes), é fazê-los insistir em todas as suas falhas. Assim que eles começam a sentir-se culpados, em relação ao seu desempenho na vida cristã, deixam de ser uma ameaça para o programa de Satanás.

As táticas de Satanás não têm mudado muito. Porque mudariam? Têm tido sucesso.

Não há nada de que Satanás goste mais de alcançar do que um crente entrar numa jornada de culpa.

Ao olhar para trás na minha vida, compreendo que a culpa é um manípulo a que o Diabo tenta constantemente deitar a mão para me conduzir. Uma ilustração clássica que me vem à mente é a de algo que me aconteceu enquanto estudava. Tinha um colega muito chegado. Passámos três anos de bons momentos. Depois pedi-lhe algum dinheiro emprestado, dizendo-lhe que lhe pagaria passadas duas semanas.

Passada uma semana, comecei a ficar um pouco preocupado pois não sabia de onde viria o dinheiro para lhe pagar. Mas ainda faltava uma semana e por isso não estava muito preocupado.

Passou-se a segunda semana e não conseguia arranjar o dinheiro. Sentia alguma tensão, mas não puxava o assunto porque esperava que ele se tivesse esquecido do prazo.

À medida que os dias passavam, parecia que ele me olhava de uma maneira acusadora sempre que o via e fazia os possíveis para o evitar. Depois de passadas duas semanas sobre o prazo, comecei a planear o meu dia de forma a não me cruzar com ele. Foi horrível. Sentí-me muito mal por ter perdido um amigo tão bom como ele, mas por outro lado não percebia como ele não era mais compreensivo em relação ao meu problema. Não houve sequer uma palavra que fosse em relação ao dinheiro, mas eu sentia-me tão culpado que estava certo de que ele me tinha eliminado como amigo.

Finalmente chegou o dia que eu tanto temia. Vi-o a caminhar na minha direcção no corredor. Não tinha hipótese de me esconder! Ele encurralou-me e disse: ‘OK, Hal, o que se passa contigo?’

‘Bem, é por causa do dinheiro que te devo’, respondi-lhe na defensiva.

Ele riu, pôs a sua mão no meu ombro e disse: ‘Amigo, eu pensei que fosse isso. Olha, eu não mudei. Não houve qualquer mudança na consideração que tenho por ti nas últimas semanas. Se tivesses o dinheiro, sei que me pagarias. Mas o dinheiro não significa assim tanto para mim. A tua amizade significa muito mais e ainda sou teu amigo.’

Durante três semanas vivi pensando que ele me condenava. Mas isso não era verdade, pois ele era continuava a ser o meu melhor amigo.

Isto ensinou-me uma lição inesquecível. Se pensamos que alguém tem algo contra nós, afastamo-nos e tornamo-nos hostis para com ele. É uma reacção inevitável, é um mecanismo de defesa.

Creio que esta é a principal razão pela qual os crentes falham na sua relação com Deus. Visto que estamos sempre cientes de que falhamos de muitas maneiras na vida cristã, é natural supormos que Deus deve estar desagradado com o nosso desempenho. Quanto mais desapontamos Deus, mais supomos que ele está zangado connosco. Isto até ao ponto que esse esfriamento da relação torna-se tão real nas nossas mentes, que se torna quase impossível desfrutar de uma relação vital com Deus.

A verdadeira tragédia é que isto acontece apenas no interior das nossas mentes. Deus não está zangado connosco!”

Outra ilustração que poderá ajudar a tornar mais claro o nosso entendimento do perdão e da nossa relação com Deus encontra-se no livro “Dictionary of the Gospel” (“Dicionário do Evangelho”) de Thomas Bruscha.

“Não seria incómodo se disseses a alguém “Eu perdoo-te” e depois, todos os dias durante o resto da sua vida, viesse dizer-te “Perdoa-me, por favor”?”

Não só seria incómodo, como impediria o crescimento da vossa relação. Em vez de deixar o pecado para trás e criar maior intimidade no relacionamento, o pecado é trazido de novo para a conversa, uma e outra vez, impedindo tanto o crescimento assim como o gozo do relacionamento. Da mesma forma, muitas pessoas que dizem acreditar que os seus pecados estão perdoados, passam a maior parte do seu tempo de oração pedindo a Deus para as perdoar. O crescimento e o gozo são impedidos porque se recusam a acreditar que lhes foi oferecido perdão completo para todos os seus pecados.

Os meus pecados (passados, presentes e futuros) foram tirados por Deus para sempre a partir do momento em que cri. Agora, em vez de Lhe pedir perdão todos os dias, agradeço-lhe por isso e prossigo para crescer na minha relação com o meu Salvador, o Senhor Jesus Cristo.

Se sabemos que recebemos a salvação que nos é dada através de Cristo por meio da fé apenas, e sabemos que foi pago o preço pelos nossos pecados, mas ainda vivemos carregando a culpa dos nossos pecados, ainda não chegamos a desfrutar e a alegrarmos da nossa salvação. Façamos o que Paulo diz em Filipenses 3:13: ‘esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim...’ ”

A nossa comunhão com o nosso Senhor Jesus Cristo nunca será quebrada, mas o nosso gozo dela poderá ser, devido a uma percepção errada. Se como crentes ainda lutamos com o fardo da culpa, há boas notícias para nós. Deus é por nós; Ele não está contra nós, não importa as circunstâncias (Romanos 8:31-39). Não há nada entre cada um de nós e o Senhor Jesus Cristo que não tenha sido resolvido na Cruz. Agora cada um de nós é um filho de Deus com todos os respectivos direitos e privilégios. Todos os nossos pecados, falhas e imperfeições foram previstos por ele e completamente redimidos pelo Seu precioso sangue. Agora, qual deve ser a resposta do nosso coração a essa verdade? Será “Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde”? ou “Graças a Deus! Esta é a coisa mais maravilhosa que já ouvi. Senhor, eu creio. Ajuda a minha incredulidade.” É esta uma resposta sincera ao Seu amor e que motiva o serviço cristão ou é uma ocasião para a carne? Bem precisamos de recordar o que a graça de Deus nos ensina na vida de fé (Tito 2:11-12).

Caro amigo perdido. Procura a culpa vergar-te até à perdição eterna? Vem ao pé da Cruz e com os olhos da fé vê aquele que foi ferido pelas tuas transgressões e moído pelas tuas iniquidades. Se creeres no teu coração que o Senhor Jesus Cristo morreu por ti e ressuscitou, a autoridade da Palavra de Deus garante que passas da morte para a vida. Como filho de Deus podes cantar com o teu coração voltado para o Céu:

“Meu mal, oh, que gozo a verdade saber!
Meu mal, em seu fruto e raiz,
Jesus sobre a cruz com Seu sangue expiou
Ele mesmo na Bíblia mo diz.”

O QUE DEVE O CRENTE FAZER QUANDO PECA?

Uma questão final deve ser respondida. Se I João 1:9 não é um versículo de restauração à comunhão, o que devem fazer os crentes quando pecam? Temos um padrão paulino que é muito mais eficaz em lidar com o pecado na vida do crente. Em primeiro lugar, devemos reconhecer que não precisamos de pecar. Em cada situação, temos à disposição poder espiritual para vencer o pecado. Deus providenciou um programa de vitória total sobre o pecado para cada membro do Corpo de Cristo. Romanos 6 é a chave do conhecimento da santificação prática. Consideremos em especial as palavras “sabei”, “considerai” e “apresentai” nos versículos 3, 11 e 13. Outras passagens de vitória são: Romanos 8:1-11, 12:1-2, 13:8-14, I Coríntios 6:9-20, 9:24-27, 10:13, 13:4-7, II Coríntios 3:17-18, 6:14-7:1, 10:4-5, 12:21, Gálatas 5:13-26, Efésios 4:17-24, 5:1-21, 6:10-18, Filipenses 2:5-11, 3:10-14, 4:5-9, Colossenses 3:1-17, I Tessalonicenses 2:13, 5:22-23, I Timóteo 3:1-13, 4:11-16, 5:2, Tito 2:6-8, 2:11-14.

Se o pecado tiver vantagem sobre nós, a razão é exclusivamente nossa, e não porque Deus nos deixou sem preparação.

No entanto, por causa da enfermidade da nossa carne, mesmo os crentes mais maduros pecam. Quando isto acontece, a primeira coisa a lembrarmos é o perdão completo que possuímos em Cristo Jesus. Isto impedir-nos-á de entrar noutra jornada de culpa e produzirá, isto sim, gratidão, amor e estabilidade. Em vez de tal resultar numa licença para pecar, a motivação adequada (Graça de Deus) e a capacidade que nos foi dada (a Vida de Cristo) encontram-se em posição de tomar o controlo sobre nossas vidas.

Além disso, uma atitude de auto-análise deve caracterizar o crente arrependido (I Coríntios 11:31). A tristeza segundo Deus opera arrependimento (II Coríntios 7:10), mas a tristeza segundo o mundo opera a morte (Mateus 27:5, Hebreus 12:16-17). Por vezes, os anciãos da Igreja local podem ser úteis (Gálatas 6:1-2, II Timóteo 2:24-26).

Intimamente associado com o auto-análise está o mandamento de Paulo de “despojar” do velho homem e “revestir” do novo homem (Romanos 8:13, 13:14, Gálatas 5:16-25, Efésios 4:22-24, Colossenses 3:5-10). Dizemos “não” à velha natureza que herdamos de Adão e dizemos “sim” à nova natureza que herdamos de Cristo. Não há aqui nada de complicado ou misterioso, apenas obediência ao mandamento de Deus. Embora Paulo não fale da confissão de pecados nas suas epístolas, Lucas dá-nos um relato inspirado disso em relação ao seu ministério (Actos 19:18). Muitos dos mandamentos de Paulo não podem ser obedecidos sem auto-análise que inclui necessariamente a confissão de pecados (I Coríntios 5:2, 11:31-32, II Coríntios 7:1, II Timóteo 2:21).

Quando um crente peca, deve concordar com a Palavra de Deus que está errado (confessar) e abandonar o comportamento ou atitude, despojando-se do velho homem e revestindo-se do novo homem. Assim, confessamos os nossos pecados, não para receber perdão, mas porque queremos estar em harmonia com a graça e assim glorificar aquele que perdoou todos os nossos delitos. O pecado provoca desarticulação no Corpo de Cristo. Quando nos vemos “em Cristo” e compreendemos que o pecado é contrário à nossa posição exaltada como filhos de Deus, podemos tomar medidas de forma a ajustarmos a nossa conduta para sermos mais conformes à imagem de Cristo.

Finalmente, a separação é absolutamente essencial para uma vida agradável a Deus (II Coríntios 6:14-7:1). Isto envolve separação mas não isolamento. Devemos separar-nos de influências nocivas e profanas (incluindo religião mundana) e cultivar amizades com crentes com fé igualmente preciosa, que nos encorajarão a viver de forma mais piedosa.

Estes não devem ser vistos como passos isolados, mas como parte de todo um programa de vitória sobre o pecado. A Palavra de Deus actua como nosso professor, alimentador e disciplinador (II Timóteo 3:16-17, 4:2).

Em conclusão, I João 1:9 é um versículo de salvação que encaixa “que nem uma luva” com o programa da Profecia do evangelho do Reino. É o “Efésios 2:8-9” da dispensação do Reino. É errado e uma perversão grosseira usá-lo para “perseguir” crentes sinceros ao longo das suas vidas cristãs por causa dos seus pecados, para os quais o nosso Salvador já providenciou perdão na Cruz. Deus já não perdoa pecados às prestações ou aos bocados.

À luz desta “revelação” do perdão completo, total e incondicional de pecados, o ciclo infundável de

1. pecado,
2. culpa,
3. quebra de comunhão,
4. confissão e
5. perdão

acaba por tornar-se numa tarefa rotineira para a carne. Prende a pessoa a um sistema de desempenho pessoal (obras) e desonra o Cristo da Cruz que morreu para nos libertar dele.

Somos agora membros de uma Nova Criação em Cristo e vivemos num estado de perdão perpétuo. Aqueles que fizeram a transição da Lei para a presente verdade das epístolas de Paulo nunca terminarão uma oração dizendo “... e perdoa os nossos pecados por amor de Jesus”.

Foi grande a minha alegria quando me tornei crente em Jesus Cristo e soube que os meus pecados não mais poderiam separar-me de Deus e de um lar no céu. Mas ainda maior se tornou a minha alegria quando comecei a compreender que todos os meus pecados (incluindo aqueles que cometi depois de pertencer à família de Deus) foram perdoados por amor de Jesus. Não consideramos apropriado curvar agora nossas cabeças, louvá-lo e agradecer-Lhe pela Sua graça? E estas coisas vos escrevemos para que o vosso gozo seja completo. Possa o Deus de toda a Graça conduzir-nos da dúvida e medo até ao gozo e paz de crer para louvor da Sua glória. Amén.

“Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe deve acrescentar, e nada se lhe deve tirar; e isto faz Deus para que haja temor diante dEle” (Eclesiastes 3:14).

(por Ken Lawson)